

A palatalización do L- em mirandês / *Palatalization of the initial latin L- in Mirandese*

ALBERTO GÓMEZ BAUTISTA

INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO DE LISBOA &
CENTRO DE LÍNGUAS, LITERATURAS E CULTURAS DA UNIVERSIDADE DE AVEIRO

RESUME: La palatalización de L- llatina ye común, con delles esceiciones, a tol dominiu llingüísticu asturleonés (Menéndez Pidal 2018: 58-59) asina como en mirandés. Poro, lo mesmo qu'asocede nun área significativa del dominiu llingüísticu asturleonés (Cano González 1992: 652-680) la L- llatina palatalizó en mirandés, dando como resultáu la lliquida palatal llateral /ʎ/ que se representa na escritura per aciu del dígrafu «lh». Sicasí, na variedá más meridional del mirandés, denominada mirandés del sur o sendinés, la palatalización nun se concretó. Paralelamente, atopamos la mesma solución pa la correspondiente intervocálica -LL- llatina que da como resultáu en mirandés el mesmu fonema, representáu tamién col dígrafu «lh», siendo esta solución xeneral en mirandés.

Preténdese col presente trabayu afondar nel estudiu de la palatalización de L- procedente del llatín nel conxuntu de variedaes asturleoneses, estudiu que yá ta abondo desendolcáu pal asturianu y pal lleonés, pero inda poco afondáu nel casu'l mirandés. Tentaremos de contribuyir tamién a la fixación d'una cronoloxía d'evolución d'esti fenómenu per aciu de dellos datos documentaos del mirandés que podrán apurrir dalguna lluz sobre'l surdimientu y la evolución de la palatalización de L- n'asturleonés y, darréu d'ello, n'otres llingües romániques nes que se verifica esti fenómenu: catalán, aragonés y les anguaño estintes variedaes mozárabes que se faloron antaño na Península Ibérica. Per último, preséntense dellos casos de non palatalización de L- en mirandés.

Pallabres clave: llingües romániques, asturleonés, mirandés, palatalización de L- llatina.

ABSTRACT: The palatalization of Latin L- is, with some exceptions, a common process in the Asturleonese linguistic domain (Menéndez Pidal 2018: 58-59), including the Mirandese language. Thus, as happened in the Asturleonese linguistic area (Cano González 1992: 652-690), Latin L- palatalized in Mirandese too, resulting in the palatal lateral liquid /ʎ/ which is represented in writing by the digraph «lh». However, in the Southern variety of Mirandese, also known as Sendinese, palatalization did not occur. Concurrently, Latin intervocalic -LL- results in the same phoneme in Mirandese, also represented by the digraph «lh», a general phenomenon in Mirandese.

This paper explores the palatalization of Latin L- in Asturleonese varieties. This issue has been deeply analysed in the case of Asturian and Leonese, but it needs further research in relation to Mirandese. The paper also attempts to establish a chronology of the evolution of this phenomenon, using documented data on Mirandese which may shed light on the emergence and evolution of the palatalization of L- in Asturleonese and other Romance languages in which this phenomenon can be observed: Catalan, Aragonese and the extinct Mozarabic varieties which were formerly spoken in the Iberian Peninsula. Finally, some cases of the non-palatalization of L- in Mirandese are presented.

Keywords: Romance languages, Asturleonese, Mirandese, palatalization of Latin L-.

1. A EXTENSÃO DA PALATALIZAÇÃO DE L-

A palatalização de L- oriundo do latim é geral em mirandês, mas a variedade falada na localidade de Sendin¹ foge a esta regra. Menéndez Pidal na obra *El dialecto leonés* ao referir-se à prevalência deste fenómeno em Zamora e Salamanca afirma que «la palatalización quizá haya sido desterrada por el influjo literario» (Menéndez Pidal 2018: 159). Este autor ao falar do idioma que nos ocupa diz que «[e]n mirandés es general la aplicación de la palatalización: lladrar lino alla-bastro; pero al Sur de la región, en Sendím, se desconoce» (Menéndez Pidal 2018: 159). Esta ideia já se encontrava em *Estudios de Philología Mirandesa* (Vasconcelos 1900: 259-260) de José Leite de Vasconcelos que assinala o facto de que há também uma série de palavras no mirandês central e no raiano que não participam da palatalização do L-, «O L inicial latino mudou-se normalmente no mirandês central ou normal em lh; no sendinês porém conservou-se» (Vasconcelos 1900: 259). Contudo, há que lembrar que em sendinês há um caso de palatalização de L-, a saber: *lhona*.

Na primeira adenda à *Convenção Ortográfica* lê-se sobre a palatalização de L- (grafado em mirandês com lh-) o seguinte:

Já a ausência, em Sendim, da lateral palatal lh-, em início de palavra, não resulta de um determinado contexto fonético (*lana, lino, luna*). Pode-se admitir uma menor influência leonesa neste ponto periférico da zona de Miranda, nunca ali tendo havido uma mudança do L- latino em lh-. Mas também se pode encarar a hipótese de que, sendo o sendinês, na origem, tão leonês como o mirandês, tivesse anulado, por qualquer razão, uma anterior evolução L- > lh-. Quer dizer: ou L- se manteve desde o latim até hoje, ou evoluiu de L- para lh- e depois novamente para L-. Seja qual for a hipótese admitida, o certo é que é difícil de aceitar, numa zona em que lh e l representam fonemas diferentes, que se escreva lh quando a pronúncia é l (Ferreira & Marquilha 2000).

¹ Respeitamos sempre o topónimo na língua original, Sendin em mirandês, em português Sendim, no concelho de Miranda de l Douro / Miranda do Douro.

Não se encontram exemplos de L- palatalizado na toponímia de Sendin (Ferreira 2013: 449-456), o que nos parece esclarecedor mas também não podemos ignorar dois factos importantes: primeiro, como já foi indicado, há um caso de L- palatalizado em sendinês (*lhona*) e, em segundo lugar, a não palatalização dá-se noutras áreas asturo-leonesas. Para além dos casos já mencionados de Zamora e Salamanca, Krüger ao falar do fenómeno que nos ocupa constata o seguinte:

[H]oy día no se encuentran formas con ʎ - < L-, formando así un puente entre la Aliste, bastante conservador, y Sanabria, donde ʎ - casi es general (exceptuando los pueblos que experimentan una fuerte influencia moderna) (Krüger 2001: 67).

A ideia de Menéndez Pidal de que (talvez) a causa de não palatalizar L- em Zamora e Salamanca é uma influência literária (Menéndez Pidal 2018: 159) indica que é evidente que este traço foi substituído por influência do espanhol (o que no contexto da citação de Pidal é o mesmo que dizer que o espanhol ou castelhano era predominante como língua literária).

O facto de não haver registos na toponímia sendinesa e apenas um caso de palatalização de L- (muito provavelmente *lhona* é um termo proveniente doutras localidades onde é falado mirandês) e a proximidade geográfica com uma zona na que se produziu este fenómeno não perdurou no tempo, indica que a palatalização do L- nunca se deu em sendinês. Note-se que a questão da grafia do L- inicial esteve na origem da primeira adenda à *Convenção Ortográfica* da Língua Mirandesa no ano 2000 (Ferreira e Marquilhas 2000).

Herculano de Carvalho ao abordar a palatalização de L- latino afirma o seguinte:

[O] mirandês historicamente não devia possuir nenhum /l/ nesta posição. Mas a adoção de um número considerável de portuguesismos e castelhanismos determinou a existência de /l/ inicial de palavra. Algumas parelhas como /kíbru/ e /líbru/, /labrador/ e /labradór/ são testemunho de uma tentativa de adaptação dos elementos estranhos ao antigo sistema, hoje definitivamente ultrapassado (Carvalho 2015: 156-157).

Por sua vez, Moisés Pires, em *Elementos de Gramática Mirandesa* diz que «L- em início de palavra e seguido de vogal existe apenas em neologismos, empréstimos e nomes próprios; no léxico mirandês tradicional integra sempre o dígrafo lh-» (Pires 2009: 31). Contudo, nos nomes próprios mirandeses tradicionais a palatalização existe, como por exemplo em *Lhuzie*. Porém, geralmente os nomes oficiais das pessoas são nomes portugueses, ainda hoje pôr um nome mirandês a uma criança é um processo muito custoso e demorado e nem sempre o sucesso é garantido. Em *Elementos de Gramática Mirandesa* o autor explica da forma seguinte o fenómeno da palatalização do L-:

O som que este dígrafo [lh-] representa aparece não só no início daquelas que começavam por «L-» em latim e suas derivadas: *lheite*, *lheiteiro*. Esta característica do mirandês é comum ao leonês e ao asturiano ocidental (*sic*) (Pires 2009:33).

Este autor não refere que em Sendim não se produz a palatalização do L- inicial latino. Com tudo, a não palatalização do L- em Sendim é sistemática.

2. A CRONOLOGIA DA PALATALIZAÇÃO DE L- LATINO NA DOCUMENTAÇÃO MEDIEVAL

Não especularemos aqui sobre a origem do fenómeno que Menéndez Pidal atribui a uma colonização osca da Península Ibérica, teoria bastante discutida (Alonso 1972: 147-213; García Leal 2006: 34-35). E também coloca bastantes problemas a questão da influência moçárabe (García Leal 2006: 34-35).

Conhecem-se exemplos deste rasgo característico do asturo-leonês nos séculos IX e X, no cartulário de San Vicente de Oviedo onde estão inscritos vários exemplos de palatalização (Menéndez Pidal 1926: 246). Contudo, pode-se afirmar com mais certezas que o fenómeno da palatalização já se tinha filtrado à documentação do reino de Leão a inícios do século X (García Leal 2006: 44). Embora os exemplos inequívocos na documentação acerca dessa palatalização naquela época são ainda escasos, nada nos leva a pensar que em inícios do século X a palatalização de L- inicial não fosse já generalizada na oralidade, como explica García Arias:

Es de suponer que en las palabras patrimoniales la palatalización de L- (y por ende de -LL-) debió de haberse producido en una etapa preliteraria; de todas maneras el fenómeno encontró numerosas barreras para manifestarse gráficamente (García Arias 2003: 205).

Tudo isto indica que a palatalização se produziu muito cedo relativamente ao que se verificou noutros idiomas românicos, como é o caso do catalão. No domínio linguístico catalão este fenómeno é documentado mais tarde, no século XIII, embora já se indentificam casos de palatalização em interior de palavra nos finais do século X (Rasico 2004: 474).

Para concluir este ponto, há que assinalar que no território asturo-leonês situado em Portugal não se terá produzido com tanta intensidade o fenómeno denominado de *yeísmo* que sim se observa noutras variedades asturo-leonesas, apenas temos conhecimento de um caso documentado, trata-se do topónimo *Tortuyas* inscrito numa doação do século XII redigida em latim mas com topónimos (entre outros aspetos) já em língua romance (Ferreira 2005).

3. CASOS DE NÃO PALATALIZAÇÃO EM MIRANDÊS

Posto o caso da ausência de palatalização do L- inicial em sendinês resta explicar os casos em que este fenómeno também não se verifica em mirandês cen-

tral e raiano. Leite de Vasconcelos ao assinalar alguns exemplos de palavras que não palatalizam L- diz que:

Dei uma lista pouco extensa, porque está neste phenomeno um dos caracteres do mirandês normal em relação ao português e ao hespanhol litterario, onde tal phenomeno não sucede. Ao mesmo tempo fica estabelecida uma das diferenças que existem entre o mirandês central-raiano, de um lado, e o sendinês, do outro. Offerecem lh- mesmo algumas palavras mirandesas cuja etymologia é desconhecida, ou pelo menos não é claramente latina (...)

Observação 1ª. Em muitas palavras do mirandês normal não se observa inicialmente lh, como: *lampiöü*, *linterna*, *ladeinha*, *licença*, *lista*, *lápeç*, *lépedo*, *lecre* («leque»), *letra*, *lebe* («leve»), *liçöü*, *licença*, *limöü*, *lima*, *lôua* («loa»), *lôuro* (côr), *lôureiro*, *lona*, *lua* («luva»), *liso*, *lei*, *lial* (Vasconcelos 1900: 260).

E ainda, na mesma obra, acrescenta:

A respeito de algumas d'ellas é possível que não esteja bem informado, e se digam realmente com lh-, como *lôureiro*, *lebe*, *lampiöü*; outras são evidentemente de origem portuguesa e modernas» (Vasconcelos 1900: 260).

Não obstante, como o citado autor refere, umas vezes as palavras modernas mantêm o L- (lei, liçon, etc.) e noutras ocasiões apresentam a mesma transformação que as palavras patrimoniais (lh-), por exemplo, *lhampeda* – do pt. Lâmpada; *lhançamiento*, embora hoje se utilize mais a forma *salimento* para a apresentação pública de um livro. Mas a verdade é que no mirandês moderno está a produzir-se um fenómeno de adaptação de neologismos que apresentam palatalização do L-, afastando-se o mirandês, neste aspeto, do que acontece noutras variedades asturo-leonesas ou em línguas onde L- latino palataliza, como em catalão. Em mirandês encontramos neologismos como *lhenguística*, *lhiteratura*, *lhançamiento*, *lhibro*, embora em palavras adotadas do português há mais tempo não se verifica este fenómeno, como vimos: *lei*, *liçon*, *légua*, etc. Abaixo propõe-se uma classificação, de caráter provisório, de alguns casos.

3.1. Palavras árabes

Encontramos em mirandês um grupo de palavras procedentes do árabe nas quais não se verifica a mudança do L-, pensamos, como já indicou Leite de Vasconcelos, que este facto pode levar a concluir que quando estas palavras entraram no idioma «a acção da lei de L- > lh- havia já terminado» (Vasconcelos 1900: 261). Isto significaria que no século VIII a mudança de L- latino em lh- (/ʎ/) estaria consumada, o que parece concordar com o facto de começar a aparecer nos textos leoneses em inícios do século X, já que como refere García Leal:

Sabido es que cualquier evolución fonética en una etapa originaria aparece representada en ejemplos excepcionales o incluso pasan hasta siglos sin que el neologismo se manifieste documentalmente (García Leal 2006: 35).

Para além de *limon* e *lima* (Vasconcelos 1900: 260) encontramos outros exemplos de palavras oriundas do árabe: *lazená, limonar, limonada, limoneiro, laranja, laranjal, laranjeira*.

3.2. *Palavras de origem incerta*

Em palavras cuja origem é desconhecida ou não é clara encontramos casos de não palatalização: *lacre, lacrado, lacrar*.

Por outro lado, neste grupo de palavras cuja etimologia não é totalmente clara encontramos também alguns casos em que o L- palataliza: *lhapa, lhata*.

3.3. *Palavras portuguesas ou que entraram através do português*

Este grupo de palavras é bastante numeroso em mirandês, como seria se esperar. Na maioria dos casos não se produz a palatalização de L- inicial mas há algumas exceções como se pode observar na lista que abaixo se apresenta²:

Lábio, labrego, laboratório, lambon, lambiatar; lambiaticce, lamento, lamentar; lámina, laminado, laminar; lampaça, lámpeda, lhámpeda, lhámpada, lámpedo, lhampion, lampion, lamúria, lhamúria, lamuriar-se, lhamuriar-se, lhanceiro, lhanceta, lantisco, lentisco, lantisqueira, lentisqueira, lantre lhatada, lhatuneiro, lazeron, laceira, lhaceira, leba, lieba, lheba, lebe, legal, legalidade, legalizar, legeiro, legion, legionairo, legislaçon, legislador, legislar, legislatura, lei, leitura, lema, lemitado, lemitar; lemite, lemites, lhenço, lenço, lhenguista, lhenguística ler; léria, léssico, lessicografie, lessicógrafo, lessicologie, lérias, letra, letrado, ldetreiro, lhégua, leuga, lêgua, léu, lial, lealdade, liando, liar, ligar; libana, libaral, liberal, lhiberal, lhiberdade, liberdade, licença, licencia, licenciado, licenciatura, liceu, licion, liçon, lieira, lhiga, liga, límbio, lindo, linear; lingueira, linterna, lhinterna, lhanterna, líquen, lírio, lisboeta, Lisboua, liso, lista, literal, lhiteratura, lixo, local, lhocalidade, localidade, localizaçon, localizado, localizar, lógica, lógico, loinge, longe, loija, loja, lotarie, louba, louja, lousa, loujon, lhonja, loureiro, louro, luba, lúcio, lucrar, lucrativo, lhuçque-fusque, lusque-fusque, lúdico, lufa-lufa, lumbino, lumbielho, lombilho, lunquino, lunjura, lúpelo, lhúrdia, lúria, lúrtia, lusitano, lustro, luzerna.

Há casos em que encontramos formas com palatalização e sem palatalização, como por exemplo, *lhégua, leuga, légua*.

3.4. *Palavras importadas do castelhano*

São em muito menor número do que as de origem portuguesa mas este idioma é uma fonte de empréstimos importante para o mirandês. Sobre tudo no léxi-

² A lista de palavras elaborou-se com base em notas de campo tomadas durante as minhas visitas à Terra de Miranda e nas obras seguintes: José Leite de Vasconcelos (1900: 259-26)5; Moisés Pires (2004: 306-323) (*cf.* Bibliografia).

co relacionado com alguns trabalhos do campo (os mirandeses costumavam migrar para trabalhar nos campos de Castela e noutras regiões espanholas de língua castelhana. Fruto desse contacto os mirandeses traziam com eles para a sua terra novas técnicas, modos de trabalhar ou ferramentas e as respetivas palavras para as designar, adaptando-as às características de língua mirandesa:

Laganha, laganhar, laganhoso, lápeç, lapezeira, listo, libosia (do árabe hispânico *al'áyb* através do espanhol *alevosía*).

3.5. Casos de L- por aférese

Há casos em que o L- aparece mediante a eliminação de algum elemento, como ocorre nos seguintes exemplos:

Leado (de *oleado*), *letrecidade* ou *eiletrecidade*, *lourar* (de *alourar*).

Nestes casos o normal é que o L- não palatalize.

3.6. Casos de L- oriundo da junção de uma ou mais palavras

Outras vezes o L- não palatalizou por ser oriundo da fusão de varias palavras ou morfemas, como no caso de *loutranho* (*l* + *outro* + *anho*).

3.7 Casos de L- proveniente de n-

Por último, cabe assinalar os casos em que o L- surgiu por causa dum fenómeno característico de mirandês em que o n- é substituído por L- em palavras como as seguintes:

Lomiada, lomiado, lomiar

4. CONCLUSÃO

Os indícios aqui recolhidos indiciam que a palatalização de L- oriundo do latim é um fenómeno que remonta ao nascimento do próprio idioma. A situação de diglossia em que se encontra o mirandês tem interferido no fenómeno da palatalização do L- latino, porém, em palavras incorporadas tardiamente encontram-se casos de palatalização de L- o que reflete a vitalidade que este fenómeno teve e ainda tem. Contudo, essas interferências são pontuais e afetam sobretudo os neologismos. Seja como for, não são claros os critérios que estão na base da palatalização ou da ausência deste fenómeno no L- no caso dos neologismos mais recentes (por exemplo, *lei* e *lhenguística*)

Tudo o aqui exposto suscita algumas questões cujo esclarecimento tem enorme interesse para o mirandês contemporâneo, porque permitirá estabelecer alguns critérios que podem contribuir para trazer alguma coerência interna ao mi-

randês, em particular no que diz respeito à grafia das palavras iniciadas por L- ou lh-. Isto porque alguns cultismos com lh- foram aceites pela Convenção mas, por outro lado, outros não são considerados corretos, sem que estejam claros os critérios para decidir uma coisa ou outra. Por isso, parece-nos que este aspeto necessita duma revisão após análise mais aprofundada. Porque não aceitar as grafias *lhetra*, *lher*, *lheitura*, *lhei*, entre outras se aceitamos *lhiteratura* e *lhinguística*?

Por outra parte, tornou-se evidente a necessidade de realizar estudos sobre a distribuição da palatalização do L- em mirandês, tanto do ponto de vista diatópico como diastrático. Esta revisão poderá alterar bastante a listagem apresentada no item 3.3. *Palavras portuguesas ou que entraram através do português* pois é onde se observa maior variação de uns falantes para outros, em função da idade, aldeia de origem e nível de conhecimento e competência linguística em mirandês.

Constatou-se também a necessidade de realizar mais estudos sobre a toponímia tradicional da Terra de Miranda e dos territórios onde se falou leonês/mirandês em Portugal. De forma que se possam completar e complementar os poucos trabalhos que existem sobre esta matéria e aprofundem nos aspetos linguísticos e históricos dos topónimos. Estes estudos poderão, entre outras questões, contribuir para compreendermos qual a extensão que o fenómeno da palatalização de L- latino teve no território português onde se falou leonês/mirandês.

Por último, importa salientar um aspeto relacionado e complementar aos anteriores, como é a necessidade de analisar a documentação medieval da região onde se fala ou se falou leonês/mirandês e dos mosteiros próximos desse território (nomeadamente os mosteiros de Moreruela e San Martín de Castañeda, na província espanhola de Zamora) onde possa existir documentação que permita trazer alguma luz sobre o fenómeno objeto de análise neste estudo. Só após o desenvolvimento das linhas de investigação mencionadas estaremos em condições de compararmos o que ocorreu nas áreas de fala asturo-leonesa de Portugal com os resultados que se obtiveram sobre o fenómeno da palatalização de L- no restante domínio linguístico onde se insere o mirandês.

5. BIBLIOGRAFÍA

- ALONSO, Dámaso (1972): «Metafonía, neutro de matéria y colonización suditaliana en la Península Hispánica», em *Obras completas*. I: 147-213.
- CANO GONZÁLEZ, Ana M^a (1992): «Asturianisch: Interne Sprachgeschichte. Evolución interna», em *Lexikon der Romanistischen Linguistik*. Vol. VI, 1: 652-680.
- CARVALHO, José G. Herculano (2015): *Fonologia Mirandesa e Outros Estudos sobre o Mirandês*. Picote-Coimbra, Fragua/Imprensa Universitária de Coimbra.
- CRUZ, Luísa Segura da & João SARAMAGO & Gabriela VITORINO (1994): «Os dialectos leoneses em território português: coesão e diversidade», em *Varição linguística no espaço, no*

- tempo e na sociedade*. Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística / Edições Colibri: 281-293.
- FERREIRA, Amadeu (2005): «L Regalengo de Palaçuolo ne I Secllo XII. (Studio de toponímia mediabal i de stória de la lhéngua mirandesa)», em *Brigantia*, julio-diciembre, vol. XXV, n.º 3: 33-72.
- FERREIRA, Carlos (2013): *Sendim- Tierra de Miranda. Geografía e Toponímia*. Lisboa, Âncora Editor.
- FERREIRA, Manuela Barros (1995): «O mirandês entre as línguas do noroeste peninsular», em *Lletres Asturianas* 57: 7-22.
- FERREIRA, Manuela Barros & Rita MARQUILHAS (2000): «Convenção Ortográfica da Língua Mirandesa. Primeira Adenda», em *O Sítio do Mirandês*. Disponível em Internet: <<http://mirandadodouro.com.pt/wp-content/uploads/2018/03/ConvencaoAdendas.doc>> [consulta 9/01/2019].
- GARCÍA ARIAS, Xosé Lluís (2003): *Gramática histórica de la lengua asturiana*. Uviéu, Academia de la Llingua Asturiana.
- GARCÍA LEAL, Alfonso (2006): «En los albores del Asturiano II. La palatalización de /l/- en la documentación latina altomedieval del reino asturleonés (718-1037)», em *Archivum* LIV-LV (2004-2005): 33-50.
- KRÜGER, Fritz (2001): *El dialecto de San Ciprián de Sanabria*. Madrid, Fundación Ramón Menéndez Pidal. [Publicado pela primeira vez em 1923].
- MENÉNDEZ PIDAL, Ramón (1926): *Orígenes del español. (Estado lingüístico de la Península Ibérica hasta el siglo XI)*. Madrid, Imprenta de la librería y casa editora Hernando.
- (2018): *El dialecto leonés*. Leão, El Búho Viajero. Edição facsimile da primeira edição desta obra (1906).
- PIRES, Moisés (2009): *Elementos de Gramática Mirandesa*. Palaçuolo, Câmara Municipal de Miranda do Douro e Centro de Estudos António Maria Mourinho.
- RASICO, Philip D. (2004): «Sobre l'evolució fonològica de la llengua catalana a l'època dels orígens», em *Emilianense: revista internacional sobre la gènesis y los orígenes históricos de las lenguas romances* N° 1: 457-480.
- VASCONCELOS, José Leite de (1900): *Estudos de Philologia Mirandesa*. Vol. I. Lisboa, Imprensa Nacional.
- VERDELHO, Telmo (1994): «Falares asturo-leoneses em território português», em *Lletres Asturianas* 50: 7-25.